LUMEN ET VIRTUS
ISSN: 2177-2789

A IMPORTÂNCIA DA ACOLHIDA E DO CUIDADO HUMANIZADO NA ENFERMAGEM PARA CRIANÇAS EM SITUAÇÃO DE VULNERABILIDADE SOCIAL[1]

THE IMPORTANCE OF WELCOMING AND HUMANIZED CARE IN NURSING FOR CHILDREN IN SITUATIONS OF SOCIAL VULNERABILITY

LA IMPORTANCIA DE LA ACOGIDA Y EL CUIDADO HUMANIZADO EN LA ENFERMERÍA PARA NIÑOS EN SITUACIÓN DE VULNERABILIDAD SOCIAL

https://doi.org/10.56238/levv16n49-019

Data de submissão: 04/05/2025 **Data de publicação:** 04/06/2025

Jhúlya Gonçalves Lima
Graduanda do Curso Enfermagem, do Centro Universitário do Planalto Central Apparecido dos Santos – Uniceplac.
E-mail: jhulyaglimaduarte@gmail.com

Elisângela de Andrade Aoyama
Coorientadora, Mestra em Engenharia Biomédica. Pós-graduada em Docência do Ensino Superior e Gestão em Educação Ambiental. Graduada em Ciências Biológicas e Pedagogia. Docente no Centro Universitário do Planalto Central Apparecido dos Santos – Uniceplac. Brasília, Distrito Federal, Brasil.
E-mail: elisangela.aoyama@uniceplac.edu.br

Gilney Guerra de Medeiros
Doutorando em Políticas e Práticas Socioeducativas de Enfermagem. Mestre em Gestão Econômica de Finanças Públicas. Graduado em Enfermagem. Docente no Centro Universitário do Planalto Central Apparecido dos Santos – UNICEPLAC. Brasília, Distrito Federal, Brasil.
E-mail: gilneyguerra@gmail.com

Jussara Soares Marques dos Anjos
Mestra em Gerontologia. Pós-graduada em Enfermagem em Neonatologia e Pediatria. Graduada em Enfermagem. Docente no Centro Universitário do Planalto Central Apparecido dos Santos – UNICEPLAC. Brasília, Distrito Federal, Brasil.
E-mail: jussaraanjos@gmail.com

Karen Karoline Gouveia Carneiro
Orientadora, Mestra em Enfermagem. Pós-graduada em Atenção Cardíaca. Graduada em Enfermagem. Docente no Centro Universitário do Planalto Central Apparecido dos Santos – Uniceplac. Brasília, Distrito Federal, Brasil.
E-mail: karen.carneiro@uniceplac.edu.br

[1] Artigo apresentado como requisito para conclusão do curso de Bacharelado em enfermagem pelo Centro Universitário do Planalto Central Apparecido dos Santos – Uniceplac.

RESUMO
A infância é uma fase decisiva para o desenvolvimento humano e, quando vivenciada em contextos de vulnerabilidade social, torna-se ainda mais desafiadora. Diante disso, o presente trabalho tem como objetivo discutir a importância da acolhida e do cuidado humanizado na enfermagem direcionada a crianças em situação de vulnerabilidade social. Crianças que vivem nessa condição enfrentam inúmeros desafios que afetam seu acesso aos serviços de saúde e seu bem-estar geral, o que demanda uma atuação sensível e integral por parte dos profissionais de enfermagem. Através de uma revisão integrativa da literatura, o estudo investigou as diversas condições que caracterizam a vulnerabilidade social, os princípios norteadores da humanização no cuidado, os principais obstáculos enfrentados pelos enfermeiros no atendimento a esse público e as estratégias eficazes para garantir um cuidado mais acolhedor e respeitoso. A análise dos dados revelou que a adoção de práticas humanizadas no ambiente de enfermagem não só favorece a melhoria da qualidade do atendimento, mas também contribui para o fortalecimento do vínculo entre a criança, sua família e a equipe de saúde. No entanto, o trabalho destaca que persistem desafios relacionados à falta de recursos, capacitação profissional e condições institucionais que dificultam a plena implementação dessas práticas. Assim, a pesquisa reforça a necessidade de políticas públicas e ações educativas que promovam a humanização do cuidado, visando garantir direitos e promover a saúde integral das crianças em situação de vulnerabilidade social.

Palavras-chave: Acolhimento. Cuidado humanizado. Crianças. Enfermagem. Vulnerabilidade social.

ABSTRACT
Childhood is a decisive stage in human development, and when experienced in contexts of social vulnerability, it becomes even more challenging. Given this, the present study aims to discuss the importance of welcoming and humanized care in nursing directed at children in situations of social vulnerability. Children living in this condition face numerous challenges that affect their access to health services and their general well-being, which requires sensitive and comprehensive action on the part of nursing professionals. Through an integrative review of the literature, the study investigated the various conditions that characterize social vulnerability, the guiding principles of humanization in care, the main obstacles faced by nurses in caring for this population, and effective strategies to ensure more welcoming and respectful care. Data analysis revealed that the adoption of humanized practices in the nursing environment not only improves the quality of care but also contributes to strengthening the bond between the child, their family, and the healthcare team. However, the study highlights that challenges related to lack of resources, professional training, and institutional conditions persist, hindering the full implementation of these practices. Thus, the research reinforces the need for public policies and educational actions that promote the humanization of care, aiming to guarantee rights and promote the integral health of children in situations of social vulnerability.

Keywords: Reception. Humanized care. Children. Nursing. Social vulnerability.

RESUMEN
La infancia es una etapa decisiva para el desarrollo humano y, cuando se vive en contextos de vulnerabilidad social, se vuelve aún más desafiante. Ante esto, el presente trabajo tiene como objetivo discutir la importancia de la acogida y el cuidado humanizado en la enfermería dirigida a niños en situación de vulnerabilidad social. Los niños que viven en estas condiciones enfrentan innumerables desafíos que afectan su acceso a los servicios de salud y su bienestar general, lo que exige una actuación sensible e integral por parte de los profesionales de enfermería. A través de una revisión integradora de la literatura, el estudio investigó las diversas condiciones que caracterizan la vulnerabilidad social, los principios rectores de la humanización en la atención, los principales obstáculos que enfrentan los enfermeros en la atención a este público y las estrategias eficaces para garantizar una atención más acogedora y respetuosa. El análisis de los datos reveló que la adopción de prácticas humanizadas en el entorno de enfermería no solo favorece la mejora de la calidad de la atención, sino que también

contribuye a fortalecer el vínculo entre el niño, su familia y el equipo de salud. Sin embargo, el trabajo destaca que persisten desafíos relacionados con la falta de recursos, la capacitación profesional y las condiciones institucionales que dificultan la plena implementación de estas prácticas. Así, la investigación refuerza la necesidad de políticas públicas y acciones educativas que promuevan la humanización de la atención, con el fin de garantizar los derechos y promover la salud integral de los niños en situación de vulnerabilidad social.

Palabras clave: Acogida. Atención humanizada. Niños. Enfermería. Vulnerabilidad social.

1 INTRODUÇÃO

A vulnerabilidade social é uma condição que compromete o desenvolvimento pleno de crianças, afetando seu acesso a direitos fundamentais como saúde, educação e proteção. No Brasil, dados recentes revelam que 46,5% das crianças com até 6 anos viviam em situação de pobreza em 2023, o que equivale a 9,4 milhões de crianças. Na Região Norte, essa proporção é ainda maior, atingindo 53,3% (Fundação Abrinq, 2025).

A enfermagem desempenha um papel crucial na assistência a essas crianças, sendo essencial a implementação de práticas de cuidado humanizado. A Política Nacional de Humanização (PNH) reforça que o acolhimento deve ser um ato de escuta qualificada, compromisso ético e respeito às singularidades dos sujeitos atendidos (Brasil, 2023). Dessa forma, os profissionais são convidados a reconhecer as particularidades de cada criança, promovendo um ambiente de cuidado que valorize a dignidade e a individualidade de cada paciente.

Humanizar o cuidado é reconhecer que cada criança possui uma trajetória de vida única e que seu contexto social influencia diretamente no modo como adoece e responde aos tratamentos. Como destacam Silva *et al.* (2022), a humanização na atenção pediátrica exige um olhar ampliado que ultrapassa os procedimentos clínicos, valorizando o vínculo, o diálogo e o ambiente acolhedor. Essa abordagem integrada contribui para o desenvolvimento de estratégias mais eficazes e sensíveis às necessidades específicas de cada criança, promovendo resultados positivos no processo terapêutico.

Este estudo propõe-se a responder à seguinte questão: de que forma a humanização do cuidado em enfermagem pode impactar a qualidade da assistência prestada a crianças em situação de vulnerabilidade social? Além disso, busca compreender os desafios enfrentados por profissionais de enfermagem na implementação dessas práticas e quais estratégias têm sido adotadas para superá-los.

O objetivo geral é investigar como a prática do cuidado humanizado pode melhorar a qualidade da assistência de enfermagem voltada a crianças vulneráveis. Os objetivos específicos são: analisar os efeitos da vulnerabilidade social no acesso à saúde infantil; discutir os princípios da humanização na enfermagem pediátrica; identificar os principais desafios enfrentados na implementação dessas práticas; e propor recomendações para qualificar o cuidado prestado nesse contexto.

2 METODOLOGIA

Este estudo caracteriza-se como uma revisão integrativa da literatura, cujo objetivo é analisar a importância da acolhida e do cuidado humanizado na enfermagem, com ênfase no atendimento prestado a crianças em situação de vulnerabilidade social. A revisão integrativa permite a síntese do conhecimento produzido em pesquisas anteriores, possibilitando uma compreensão aprofundada sobre o tema, além de identificar lacunas e propor melhorias para a prática profissional (Souza; Silva; Carvalho, 2010).

Foram incluídos artigos científicos, livros, dissertações e documentos institucionais publicados entre 2019 e 2025, nos idiomas português, inglês e espanhol, que abordassem direta ou indiretamente os seguintes descritores: acolhimento, cuidado humanizado, enfermagem pediátrica, vulnerabilidade social e saúde da criança. Essa diversidade de fontes permitiu uma análise abrangente e atualizada sobre o tema, enriquecendo a compreensão das práticas e desafios no atendimento às crianças em situação de vulnerabilidade social.

A busca para a revisão integrativa foi realizada em diversas bases de dados reconhecidas e relevantes para a área da saúde. Entre elas, destacam-se a Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), que oferece uma ampla coleção de publicações científicas voltadas para a saúde pública e coletiva, e a *Scientific Electronic Library Online* (SciELO), importante fonte de artigos científicos em diversas áreas do conhecimento. Além disso, foram consultadas bases internacionais como a PubMed, que reúne publicações médicas e biomédicas de referência mundial. Também foi utilizado o Portal CAPES, fundamental para o acesso a teses, dissertações e periódicos acadêmicos, garantindo maior abrangência e qualidade das fontes. Por fim, documentos oficiais e diretrizes foram obtidos junto ao Ministério da Saúde do Brasil, assegurando respaldo institucional ao estudo.

Os critérios de inclusão foram: publicações completas e disponíveis gratuitamente, que apresentassem fundamentos teóricos, resultados ou experiências práticas relacionadas ao tema. Foram excluídas obras duplicadas, textos de opinião, editoriais, materiais sem revisão por pares e publicações anteriores a 2019. Essa seleção rigorosa visa garantir a qualidade e a relevância das informações analisadas, proporcionando uma base sólida para a discussão. Além disso, priorizou- se a atualidade dos dados para refletir as práticas e desafios contemporâneos no campo da enfermagem pediátrica em contextos de vulnerabilidade social.

O processo de seleção ocorreu em três etapas: (1) leitura dos títulos e resumos; (2) leitura na íntegra dos materiais pré-selecionados; (3) organização dos dados em categorias temáticas, considerando os objetivos do estudo. A análise dos conteúdos foi realizada de forma descritiva e interpretativa, buscando relacionar os achados aos conceitos-chave da humanização e ao contexto da vulnerabilidade infantil. A revisão foi conduzida entre os meses de março e setembro de 2024, permitindo identificar desafios, estratégias e contribuições das práticas de cuidado humanizado na enfermagem pediátrica em contextos vulneráveis.

3 REVISÃO DE LITERATURA

A presente seção visa explorar os principais conceitos e discussões relacionados ao acolhimento e ao cuidado humanizado na enfermagem pediátrica, especialmente no contexto de crianças em situação de vulnerabilidade social. Serão abordados os seguintes tópicos: a definição e as implicações da vulnerabilidade social na infância; os princípios e práticas do acolhimento e do cuidado

humanizado na enfermagem; e os desafios enfrentados pelos profissionais de enfermagem na implementação dessas práticas em ambientes pediátricos.

3.1 VULNERABILIDADE SOCIAL NA INFÂNCIA

A vulnerabilidade social na infância é um fenômeno complexo que envolve múltiplas dimensões, incluindo fatores econômicos, sociais, culturais e ambientais. No Brasil, milhões de crianças vivem em condições que comprometem seu desenvolvimento integral, enfrentando desafios como pobreza, falta de acesso a serviços básicos e exposição à violência. Essas questões interligadas dificultam o acesso a uma vida saudável e segura, tornando essencial a atuação de políticas públicas e profissionais de saúde para mitigar esses impactos e promover a inclusão social dessas crianças (UNICEF, 2025).

Dados atuais indicam que, apesar de avanços, a pobreza infantil permanece uma realidade preocupante. Em 2023, cerca de 28,8 milhões de crianças e adolescentes de 0 a 17 anos viviam na pobreza multidimensional, o que representa 55,9% dessa população. Essa situação compromete diretamente o acesso à educação, saúde, moradia adequada e outros direitos fundamentais. Além disso, a persistência desse quadro contribui para o agravamento das desigualdades sociais, dificultando a construção de oportunidades iguais para o pleno desenvolvimento dessas crianças (UNICEF, 2025).

A pobreza extrema também se mantém em níveis elevados em 2023, aproximadamente 9,8 milhões de crianças e adolescentes estavam em situação de pobreza multidimensional extrema, correspondendo a 18,8% da população dessa faixa etária. Esses números refletem desigualdades estruturais persistentes que impactam negativamente a infância, segundo o mesmo relatório. Diante disso, torna-se necessária a implementação urgente de ações integradas e políticas públicas eficazes para reduzir tais desigualdades e assegurar o direito ao desenvolvimento saudável dessas crianças (UNICEF, 2025).

A vulnerabilidade social na infância está frequentemente associada a experiências adversas, como negligência, abuso e exposição à violência. Estudos apontam que crianças inseridas em contextos de alta vulnerabilidade apresentam maior risco de traumas que prejudicam seu desenvolvimento emocional e cognitivo. Essas experiências adversas podem gerar consequências duradouras, afetando o aprendizado, as relações sociais e a saúde mental ao longo da vida, o que evidencia a necessidade de intervenções precoces e de suporte adequado (Soares *et al*., 2025). Além disso, a falta de acesso a serviços de saúde de qualidade agrava essa situação. A ausência de cuidados adequados pode levar ao agravamento de condições de saúde, aumentando a morbimortalidade infantil em populações vulneráveis. Essa realidade reforça a urgência de políticas e práticas que garantam atendimento humanizado e efetivo, contribuindo para a redução das desigualdades em saúde e para a promoção do bem-estar infantil (Silva; Neves, 2020). Outro

aspecto crítico é a educação, que sofre impacto direto em crianças em situação de vulnerabilidade social. Essas crianças enfrentam barreiras significativas para frequentar e permanecer na escola, limitando suas oportunidades futuras e perpetuando o ciclo de pobreza. A falta de acesso a uma educação de qualidade compromete seu desenvolvimento intelectual e social, dificultando a inclusão plena na sociedade e o exercício de seus direitos fundamentais (Soares *et al*., 2025).

A saúde mental também sofre impacto significativo. Estudos longitudinais indicam que a exposição contínua a situações de vulnerabilidade social pode contribuir para o desenvolvimento de transtornos mentais em crianças e adolescentes, afetando seu bem-estar e qualidade de vida. Este fato reforça a necessidade de intervenções multidisciplinares que ofereçam suporte psicológico e social adequado para fomentar a resiliência e o desenvolvimento saudável dessa população (ResearchGate, 2022).

A crise climática é um fator adicional que agrava a vulnerabilidade social. Segundo relatório do GIFE (2025), cerca de 40 milhões de crianças no Brasil estão suscetíveis a riscos climáticos, como desastres naturais, que pioram as condições de vida em comunidades já vulneráveis. Esses eventos extremos comprometem não só a segurança física dessas crianças, mas também o acesso a serviços essenciais como saúde e educação, aumentando sua exposição à vulnerabilidade (GIFE, 2025).

Nesse contexto, a atuação dos profissionais de saúde, especialmente da enfermagem, torna- se fundamental para identificar e mitigar os efeitos da vulnerabilidade social na infância. A implementação de práticas de cuidado humanizado e políticas públicas eficazes pode contribuir para a promoção da equidade e a proteção dos direitos das crianças). Além disso, a capacitação contínua dos profissionais e a integração das equipes de saúde são essenciais para garantir um atendimento mais sensível e alinhado às necessidades específicas dessa população (Brasil, 2022). Em suma, a vulnerabilidade social na infância é um desafio multifacetado que requer abordagens intersetoriais e políticas integradas para assegurar o desenvolvimento saudável e o bem-estar das crianças brasileiras. Compreender e enfrentar essa realidade é essencial para a construção de uma sociedade mais justa e inclusiva. Somente por meio da colaboração entre diferentes setores e da implementação de ações efetivas será possível promover mudanças duradouras que beneficiem as futuras gerações (UNICEF, 2025).

3.2 ACOLHIMENTO E CUIDADO HUMANIZADO NA ENFERMAGEM PEDIÁTRICA

O acolhimento e o cuidado humanizado na enfermagem pediátrica são fundamentais para garantir uma assistência de qualidade às crianças hospitalizadas. A utilização de técnicas de humanização, como brinquedos terapêuticos e ludoterapia, contribui para a redução da ansiedade e do estresse, promovendo uma melhor adaptação ao ambiente hospitalar. Essas práticas são essenciais

para atender às necessidades emocionais e psicológicas dos pacientes pediátricos, segundo os autores (Abud *et al*., 2024).

A escuta ativa e a empatia são habilidades cruciais para os profissionais de enfermagem que atuam com crianças. A abordagem humanizada permite que os enfermeiros compreendam melhor as necessidades dos pacientes, proporcionando um cuidado mais eficaz e centrado na criança. Essa compreensão é vital para o desenvolvimento de estratégias de cuidado que respeitem a individualidade de cada paciente, conforme reforça o estudo de Primo *et al*. (2025). A presença da família durante o tratamento é outro aspecto importante do cuidado humanizado. O envolvimento dos familiares no processo de cuidado fortalece o vínculo entre a equipe de saúde e o paciente, além de proporcionar um suporte emocional essencial para a criança. Esse apoio é fundamental para a recuperação e o bem-estar do paciente pediátrico, segundo a pesquisa realizada por Almeida (2025).

A comunicação eficaz entre profissionais de saúde, pacientes e familiares é fundamental para o sucesso do acolhimento humanizado. A utilização de uma linguagem clara e adequada à faixa etária da criança facilita a compreensão do tratamento e reduz o medo associado ao ambiente hospitalar. Essa abordagem contribui para a construção da confiança e da colaboração entre todos os envolvidos no cuidado (Abud *et al*., 2024).

A formação e a capacitação contínua dos profissionais de enfermagem são essenciais para a implementação de práticas humanizadas. A importância de programas de educação permanente que abordam temas como empatia, comunicação e técnicas de humanização. Tais programas garantem que os profissionais estejam preparados para oferecer um cuidado de qualidade e centrado no paciente, como aponta Primo *et al*. (2025).

A adaptação do ambiente hospitalar às necessidades das crianças é uma estratégia eficaz para promover o acolhimento humanizado. A criação de espaços lúdicos e acolhedores contribui para a redução do estresse e da ansiedade, tornando a experiência hospitalar menos traumática para os pacientes pediátricos. Essas mudanças no ambiente físico complementam as práticas de cuidado centradas na criança, de acordo com Almeida (2025).

A integração de diferentes profissionais de saúde no cuidado pediátrico é fundamental para a promoção de uma assistência humanizada. A atuação conjunta de enfermeiros, médicos, psicólogos e outros profissionais permite uma abordagem holística e eficaz das necessidades dos pacientes. Essa colaboração interdisciplinar é essencial para a implementação de práticas de cuidado centradas na criança e na família (Abud *et al.,* 2024).

A avaliação contínua das práticas de acolhimento e cuidado humanizado é necessária para garantir a qualidade da assistência prestada. É importante monitorar e ajustar as estratégias de cuidado com base no *feedback* dos pacientes e familiares. Essa abordagem possibilita a identificação de áreas

de melhoria e a implementação de mudanças que beneficiem os pacientes pediátricos, conforme destacam os autores (Primo *et al.*, 2025).

A promoção da autonomia da criança no processo de cuidado é um aspecto importante do acolhimento humanizado. Envolver a criança nas decisões sobre seu tratamento, de acordo com sua capacidade de compreensão, fortalece sua autoestima e contribui para uma experiência hospitalar mais positiva. Essa prática respeita os direitos da criança e promove seu bem-estar, segundo Almeida (2025).

Por fim, a implementação de políticas institucionais que valorizem o acolhimento e o cuidado humanizado é essencial para a consolidação dessas práticas na enfermagem pediátrica. Destaca-se a necessidade de diretrizes claras e apoio institucional para que os profissionais possam oferecer uma assistência centrada na criança e na família. Essas políticas garantem a sustentabilidade e a eficácia das práticas de humanização no ambiente hospitalar (Abud *et al.*, 2024).

3.3 DESAFIOS E ESTRATÉGIAS DA ENFERMAGEM NA REDUÇÃO DA VULNERABILIDADE INFANTIL

A vulnerabilidade infantil é um fenômeno multifacetado que abrange aspectos sociais, econômicos e de saúde, exigindo uma abordagem abrangente por parte da enfermagem. A atuação do enfermeiro é essencial para a identificação precoce de situações de risco, possibilitando intervenções que minimizem os impactos negativos no desenvolvimento infantil. Essa atuação envolve tanto o cuidado direto quanto a articulação com outras áreas e serviços, garantindo um suporte integral à criança e sua família (Sousa *et al*., 2022).

Entre os principais desafios enfrentados pelos profissionais de enfermagem está a escassez de recursos e a falta de formação específica para lidar com as diversas necessidades das crianças em situação de vulnerabilidade. É imprescindível que os enfermeiros recebam capacitação contínua para oferecer um cuidado adequado e eficaz. Além disso, a valorização profissional e o fortalecimento das equipes são fundamentais para superar essas dificuldades e promover um atendimento humanizado e de qualidade (Sousa *et al*., 2022).

A integração de estratégias educativas na atenção primária é fundamental para a promoção da saúde infantil. Ações educativas realizadas por enfermeiros na Estratégia Saúde da Família contribuem significativamente para a prevenção de doenças e a promoção do bem-estar das crianças. Essas práticas também fortalecem o vínculo entre as famílias e os profissionais de saúde, facilitando a identificação precoce de problemas e o encaminhamento adequado para serviços especializados (Brasil, 2023).

A atuação do enfermeiro na atenção básica inclui a realização de visitas domiciliares, que proporcionam uma compreensão mais aprofundada do contexto em que a criança está inserida. Essas

visitas são oportunidades valiosas para identificar fatores de risco e implementar intervenções personalizadas. Além disso, fortalecem o vínculo de confiança entre a família e a equipe de saúde, facilitando o acompanhamento contínuo e a promoção da saúde no ambiente domiciliar (Sousa *et al*., 2022).

A utilização de estratégias lúdicas no cuidado de enfermagem à criança hospitalizada é uma abordagem eficaz para minimizar o estresse e a ansiedade. O uso de brincadeiras e atividades recreativas facilita a comunicação e fortalece o vínculo entre o profissional e o paciente. Essas práticas promovem um ambiente mais acolhedor, contribuindo para a melhora do processo de recuperação e adesão ao tratamento (Sousa *et al.,* 2022).

A implementação de políticas públicas voltadas para a saúde da criança é um aspecto crucial na redução da vulnerabilidade infantil. Programas como a Política Nacional de Atenção Integral à Saúde da Criança buscam garantir acesso equitativo e de qualidade aos serviços de saúde. A articulação entre os diferentes níveis de governo e a sociedade civil é fundamental para a efetividade dessas políticas e para a garantia dos direitos das crianças (Brasil, 2023).

A colaboração interprofissional é essencial para o enfrentamento das múltiplas dimensões da vulnerabilidade infantil. A atuação conjunta de enfermeiros, médicos, assistentes sociais e outros profissionais permite a elaboração de estratégias mais abrangentes e eficazes. Essa integração potencializa os resultados, promovendo um cuidado integral que considera as necessidades físicas, emocionais e sociais da criança (Sousa *et al.*, 2022).

A avaliação contínua das práticas de enfermagem é necessária para assegurar a qualidade do cuidado prestado às crianças em situação de vulnerabilidade. A monitorização e o ajuste das intervenções são fundamentais para atender às necessidades específicas de cada paciente. Além disso, o feedback constante possibilita o aprimoramento das abordagens utilizadas, garantindo maior efetividade no atendimento (Sousa *et al.,* 2022).

A promoção da equidade no acesso aos serviços de saúde é um desafio persistente na redução da vulnerabilidade infantil. É necessário desenvolver estratégias que considerem as particularidades de cada comunidade, garantindo que todas as crianças recebam o cuidado necessário. Investir em políticas inclusivas e na capacitação dos profissionais é fundamental para superar as barreiras existentes (Brasil, 2023).

Por fim, a valorização e o reconhecimento do papel do enfermeiro na atenção à saúde infantil são fundamentais para o fortalecimento das práticas de cuidado. O apoio institucional e a valorização profissional são elementos-chave para a motivação e o desempenho eficaz dos enfermeiros. Ademais, a promoção de um ambiente de trabalho saudável contribui para a retenção desses profissionais e para a continuidade da qualidade do atendimento (Sousa *et al*., 2022).

3.4 ESTRATÉGIAS E PRÁTICAS DO CUIDADO HUMANIZADO

O cuidado humanizado na enfermagem pediátrica é essencial para atender às necessidades físicas, emocionais e sociais das crianças em situação de vulnerabilidade. A abordagem humanizada promove o bem-estar e fortalece o vínculo entre profissional e paciente, contribuindo para a eficácia do tratamento. Além disso, essa forma de cuidado valoriza a singularidade de cada criança, reconhecendo suas emoções e respeitando seu ritmo, o que resulta em uma experiência mais positiva e acolhedora durante o processo terapêutico (Figueiredo *et al.*, 2024).

A utilização de estratégias lúdicas, como brincadeiras e contação de histórias, tem se mostrado eficaz na redução do estresse e na facilitação dos procedimentos hospitalares. Essas práticas auxiliam na adaptação da criança ao ambiente hospitalar, tornando o cuidado mais acolhedor e menos traumático. Além disso, tais atividades promovem a expressão emocional e fortalecem a confiança entre a criança e a equipe de enfermagem, facilitando o manejo dos tratamentos (Oliveira *et al*., 2023).

A escuta ativa e o diálogo empático são fundamentais para compreender as experiências e sentimentos da criança hospitalizada. Uma comunicação eficaz entre enfermeiro e paciente é essencial para construir uma relação de confiança, fator crucial para o sucesso do cuidado humanizado. Esse processo comunicativo também requer atenção às necessidades não verbais da criança, permitindo intervenções mais sensíveis e adequadas ao seu estado emocional (Silva; Almeida, 2022).

A presença da família no processo de cuidado é outro aspecto fundamental da humanização. O envolvimento dos familiares proporciona segurança à criança e permite que o enfermeiro compreenda melhor o contexto social e emocional do paciente. A participação da família fortalece a rede de apoio e contribui para decisões compartilhadas, tornando o cuidado mais integral e centrado na criança (Sousa *et al*., 2021).

A capacitação contínua dos profissionais de enfermagem é necessária para desenvolver competências relacionadas ao cuidado humanizado. Treinamentos e workshops focados em empatia, comunicação e práticas lúdicas são essenciais para aprimorar a qualidade da assistência prestada. Além disso, essa formação promove a reflexão crítica sobre as práticas cotidianas, incentivando a inovação e a melhoria constante dos serviços (Lima *et al*., 2020).

A criação de ambientes hospitalares mais acolhedores, com decoração apropriada e espaços para atividades recreativas, também contribui para a humanização do cuidado. Essas modificações no ambiente físico impactam positivamente na recuperação e no bem-estar das crianças. Ambientes planejados para as necessidades específicas da infância ajudam a reduzir a ansiedade e o medo, favorecendo um espaço terapêutico mais eficaz (Pereira *et al*., 2019).

A implementação de protocolos de cuidado individualizado, que considerem as especificidades de cada criança, é uma prática recomendada para a humanização da assistência. Planos de cuidado personalizados aumentam a eficácia do tratamento e a satisfação do paciente. Esses protocolos

permitem maior flexibilidade e adequação das intervenções, respeitando particularidades culturais, sociais e emocionais (Mendes; Rocha, 2021).

A valorização da espiritualidade e das crenças culturais da criança e de sua família é outro componente importante do cuidado humanizado. Respeitar e incorporar esses aspectos no plano de cuidado fortalece o vínculo terapêutico e promove a integralidade da assistência. Reconhecer a diversidade cultural e espiritual contribui para um atendimento mais inclusivo e sensível, respeitando as convicções e valores das crianças e seus familiares (Costa *et al*., 2022).

A avaliação contínua das práticas de enfermagem é necessária para identificar áreas de melhoria e garantir a qualidade do cuidado humanizado. A utilização de indicadores de qualidade e a realização de auditorias internas são estratégias eficazes para esse monitoramento. Esse acompanhamento constante possibilita ajustes oportunos e a implementação de ações que elevam o padrão do atendimento, assegurando melhores resultados para as crianças (Fernandes *et al.*, 2023).

Por fim, a promoção de uma cultura organizacional que valorize a humanização é fundamental para a sustentabilidade dessas práticas. O apoio da gestão hospitalar e o reconhecimento do trabalho dos profissionais de enfermagem são essenciais para a consolidação do cuidado humanizado. Investir em políticas institucionais que incentivem o respeito, a ética e o compromisso com a dignidade do paciente é imprescindível para fortalecer essa abordagem no ambiente hospitalar (Silva; Oliveira, 2024).

3.5 RECOMENDAÇÕES PARA A PRÁTICA DE ENFERMAGEM

A prática de enfermagem voltada para crianças em situação de vulnerabilidade social exige uma abordagem holística e humanizada. É fundamental que os profissionais desenvolvam competências que vão além do conhecimento técnico, incorporando empatia, escuta ativa e sensibilidade cultural para melhor atender às necessidades específicas dessas crianças e suas famílias. A capacitação contínua é igualmente essencial para aprimorar a prática assistencial, incluindo treinamentos em comunicação eficaz e manejo de situações de risco (Primo *et al.*, 2025; Silva; Almeida, 2022).

A implementação de protocolos de cuidado individualizado é indispensável para garantir a qualidade da assistência. Planos terapêuticos singulares possibilitam a adaptação das intervenções às necessidades físicas, emocionais e sociais de cada criança, assegurando um atendimento humanizado que respeita sua singularidade. Esse cuidado personalizado também facilita uma resposta rápida a eventuais complicações, promovendo melhores desfechos clínicos (Rosseto *et al.*, 2019).

A articulação intersetorial se destaca como outra recomendação importante para a prática de enfermagem. A colaboração entre os setores de saúde, educação e assistência social é vital para oferecer suporte integral às crianças vulneráveis, garantindo acesso a recursos essenciais para seu

desenvolvimento. Essa integração permite uma abordagem mais completa e eficaz, considerando as múltiplas dimensões que influenciam a vida da criança (Oliveira, 2019).

A tecnologia também desempenha papel importante na assistência. O uso de ferramentas digitais, como prontuários eletrônicos e aplicativos de monitoramento, facilita o acompanhamento do estado de saúde das crianças, promovendo uma assistência mais eficiente e segura. Essas tecnologias otimizam a organização do trabalho e a comunicação entre profissionais, contribuindo para a continuidade do cuidado (Primo *et al.*, 2025).

Outro aspecto central é a participação ativa das famílias no processo de cuidado. O envolvimento dos familiares nas decisões relacionadas à saúde fortalece o vínculo com a equipe de enfermagem, melhora a adesão ao tratamento e proporciona suporte emocional fundamental para a criança. Esse engajamento contribui para melhores resultados em saúde e para o enfrentamento das dificuldades associadas à doença (Rosseto *et al.*, 2019).

A atenção à saúde mental das crianças vulneráveis deve ser integrada à prática de enfermagem. Os profissionais precisam estar atentos aos sinais de sofrimento psicológico e saber intervir adequadamente, oferecendo suporte emocional e encaminhamentos quando necessário. A detecção precoce dessas demandas permite intervenções mais eficazes e previne o agravamento de transtornos mentais (Silva; Almeida, 2022).

A criação de ambientes acolhedores e seguros nas unidades de saúde é outro fator relevante para a qualidade do cuidado. Espaços adaptados, com decoração lúdica e materiais educativos, ajudam a reduzir o estresse e o medo durante as visitas, favorecendo a cooperação da criança e da família e promovendo um atendimento mais humanizado (Oliveira, 2019).

A avaliação contínua das práticas de enfermagem é fundamental para identificar oportunidades de melhoria. A implementação de indicadores de qualidade e auditorias internas possibilita monitorar a eficácia das intervenções, promovendo os ajustes necessários para o aprimoramento constante da assistência prestada (Primo *et al.*, 2025).

Por fim, a promoção de políticas públicas específicas para a prática de enfermagem em contextos de vulnerabilidade é estratégica para fortalecer a atuação profissional. Diretrizes e programas voltados ao cuidado de crianças em situação de risco social são essenciais para garantir recursos adequados, sustentabilidade e equidade no acesso à saúde, assegurando a continuidade de um cuidado de qualidade (Rosseto *et al.*, 2019).

4 DISCUSSÃO

A prática de enfermagem voltada para crianças em situação de vulnerabilidade social demanda uma abordagem que transcenda o cuidado clínico, incorporando aspectos éticos, sociais e culturais, conforme destaca Primo *et al*. (2025), quando evidenciam a necessidade de um olhar ampliado no

cuidado. Além disso, esses autores defendem que a humanização é essencial para atender às necessidades específicas dessas crianças, promovendo um ambiente de acolhimento e respeito. Essa compreensão é fortalecida por George *et al.* (2019), que chamam atenção para a sensibilidade necessária nas práticas de cuidado infantil, e por Figueiredo *et al.* (2023), que demonstram, em revisão integrativa, a importância do cuidado humanizado como parte fundamental da atuação da enfermagem.

Ademais, a Política Nacional de Atenção Integral à Saúde da Criança (PNAISC), conforme expõe o Ministério da Saúde (2025), realça a importância de ações intersetoriais para garantir o desenvolvimento saudável das crianças, sobretudo daquelas em contextos de maior vulnerabilidade. Nesse sentido, essa diretriz reforça o papel da enfermagem na promoção de práticas que considerem os determinantes sociais da saúde, evidenciando a necessidade de uma atuação integrada. Corroborando essa ideia, Araújo *et al.* (2021) defendem que a consulta de puericultura é uma oportunidade privilegiada para fortalecer os laços familiares. De modo complementar, UNICEF (2025) reforça a relevância de políticas direcionadas à infância para romper ciclos de pobreza e exclusão social.

Entretanto, apesar dessas potencialidades, desafios estruturais como a precariedade das unidades de saúde e a escassez de recursos dificultam a implementação de práticas humanizadas, conforme observam Vieira *et al.* (2023). Esses autores alertam que ambientes inadequados e a sobrecarga de trabalho comprometem a qualidade do atendimento prestado pelas equipes de enfermagem. Esse cenário também é constatado por Rosseto *et al.* (2019), que apontam limitações nos serviços de atenção domiciliar prestados a crianças com necessidades especiais. Frente a esse contexto, é evidente a urgência de estratégias que enfrentem essas barreiras institucionais.

Para superar essas dificuldades, a formação contínua dos profissionais de enfermagem se mostra fundamental para aprimorar o cuidado às crianças em situação de vulnerabilidade, conforme sustentam Silva e Almeida (2022). Esses autores evidenciam a importância de capacitações que desenvolvam habilidades relacionais e comunicacionais. A esse respeito, Miranda e Vilela (2020) identificam lacunas na preparação dos enfermeiros para situações complexas como a violência infantil. Ademais, Muller *et al.* (2021) destacam que dificuldades enfrentadas nas UTIs pediátricas podem ser minimizadas com educação permanente focada na humanização.

Além disso, a humanização do cuidado também envolve a escuta ativa e o respeito às singularidades de cada criança, conforme destacam Primo *et al.* (2025). Tais práticas, como apontam Silva *et al.* (2022), contribuem para o fortalecimento de vínculos e melhoria da adesão ao tratamento. Nesse contexto, o estudo de Abud *et al.* (2024) enfatiza a utilização de atividades lúdicas e sensíveis como instrumentos essenciais para uma assistência mais empática e centrada no paciente pediátrico.

Outro ponto fundamental é a integração entre os serviços de saúde, educação e assistência social, essencial para atender de forma integral às necessidades das crianças, conforme evidencia Oliveira (2019). Este autor observa que a articulação intersetorial permite a identificação precoce de situações de risco e a implementação de ações coordenadas. Em consonância, o GIFE (2025) alerta para o agravamento de riscos sociais diante de crises ambientais, exigindo maior colaboração entre setores públicos e sociedade civil.

A utilização de tecnologias da informação pode ser uma importante aliada na prática de enfermagem, facilitando o acompanhamento do estado de saúde das crianças, como apontam Primo *et al.* (2025). Essas ferramentas, segundo Muller *et al.* (2021), ampliam a eficácia da assistência ao melhorar o fluxo de informações clínicas. Rosseto *et al.* (2019) também destacam que o uso de tecnologias permite intervenções mais ágeis e adaptadas às demandas individuais das crianças atendidas.

A atenção à saúde mental das crianças em situação de vulnerabilidade é um aspecto que merece destaque, conforme assinalam Silva e Almeida (2022). Os autores apontam a importância de estratégias que promovam o bem-estar emocional, reconhecendo os impactos das adversidades sociais no desenvolvimento infantil. Complementarmente, ResearchGate (2022) apresenta dados de estudos longitudinais que demonstram correlação entre vulnerabilidade social e sintomas de sofrimento psíquico em crianças e adolescentes, indicando a urgência de intervenções preventivas e terapêuticas nesse campo.

Por fim, a criação de ambientes acolhedores e seguros nas unidades de saúde é uma recomendação que impacta diretamente na qualidade do cuidado, segundo Oliveira (2019). O autor destaca que espaços adaptados às necessidades infantis contribuem para reduzir o estresse e o medo durante os atendimentos. Essa proposta é reiterada por Figueiredo *et al.* (2023), que sugerem que aspectos ambientais podem ser tão relevantes quanto as ações clínicas na construção de um cuidado verdadeiramente humanizado.

Finalmente, a implementação de políticas públicas que fortaleçam a atuação da enfermagem é fundamental para a promoção da equidade em saúde, como argumentam Rosseto *et al.* (2019). Esses autores defendem que diretrizes específicas devem orientar o cuidado às crianças em situação de vulnerabilidade, assegurando o acesso a serviços de qualidade. De forma convergente, o relatório da Fundação Abrinq (2025) aponta que avanços reais na saúde infantil dependem da combinação entre políticas integradas e valorização dos profissionais que atuam na ponta do cuidado.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A prática de enfermagem voltada para crianças em situação de vulnerabilidade social exige uma abordagem que vá além do cuidado clínico, incorporando aspectos éticos, sociais e culturais. A

humanização do cuidado é essencial para atender às necessidades específicas dessas crianças, promovendo um ambiente de acolhimento e respeito. Sob essa perspectiva destaca-se a importância de práticas profissionais sensíveis às particularidades infantis, especialmente em contextos de vulnerabilidade.

A Política Nacional de Atenção Integral à Saúde da Criança (PNAISC) salienta a necessidade de ações intersetoriais para garantir o desenvolvimento saudável das crianças, especialmente aquelas em contextos de maior vulnerabilidade. Essa política reforça o papel da enfermagem na promoção de práticas que considerem os determinantes sociais da saúde. Nesse sentido, a atuação do enfermeiro na promoção de vínculos familiares é fundamental para o desenvolvimento infantil.

A formação contínua dos profissionais de enfermagem é crucial para aprimorar o cuidado às crianças em situação de vulnerabilidade. Há a necessidade de capacitações que abordem não apenas aspectos técnicos, mas também habilidades de comunicação e empatia. Através dessa necessidade identificam-se as lacunas na formação dos enfermeiros para lidar com situações complexas, como a violência infantil, evidenciando a importância de uma educação que prepare os profissionais para os desafios do cotidiano.

A integração entre os serviços de saúde, educação e assistência social é essencial para atender de forma integral às necessidades das crianças. Sendo assim, a articulação intersetorial permite a identificação precoce de situações de risco e a implementação de estratégias de prevenção. Essa colaboração entre diferentes setores é vital para oferecer um suporte abrangente às crianças em situação de vulnerabilidade, garantindo o acesso a recursos e serviços essenciais para seu desenvolvimento integral.

A utilização de tecnologias de informação pode ser uma aliada na prática de enfermagem, facilitando o acompanhamento do estado de saúde das crianças. Ferramentas digitais, como prontuários eletrônicos, permitem um registro mais preciso e acessível das informações clínicas. Essa informatização contribui para uma assistência mais eficiente e segura, além de possibilitar uma melhor comunicação entre os profissionais de saúde envolvidos no cuidado da criança.

Por fim, a implementação de políticas públicas que fortaleçam a atuação da enfermagem é fundamental para a promoção da equidade em saúde. Por isso alguns autores defendem a formulação de diretrizes específicas que orientem o cuidado às crianças em contextos de vulnerabilidade, assegurando o acesso a serviços de qualidade. Essas políticas devem ser acompanhadas de investimentos em infraestrutura e capacitação profissional, garantindo uma assistência integral e humanizada.

REFERÊNCIAS

ABUD, A. C. F. *et al*. Técnicas de humanização na assistência pediátrica hospitalar: uma revisão integrativa. **Research, Society and Development**, v. 13, n. 2, e13913245138, 2024.

ALMEIDA, S. A. B. **Humanização em pediatria:** atuação do enfermeiro no cuidado à criança hospitalizada. 2025. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Enfermagem) – Faculdade São José, Recife.

ARAÚJO, M. R. N. *et al*. Atuação do enfermeiro na promoção dos vínculos familiares e desenvolvimento infantil. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 12, e481101220790, 2021.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Acolhimento nas práticas de saúde:** humanização como diretriz do SUS. Brasília: Ministério da Saúde, 2022.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Diretrizes Nacionais do Programa Brasil Saudável – Unir para Cuidar**. Brasília: Ministério da Saúde, 2023.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Política Nacional de Atenção Integral à Saúde da Criança (PNAISC)**. Brasília: Ministério da Saúde, 2025.

FIGUEIREDO, A. E. B. *et al*. Práticas de cuidado humanizado à criança em vulnerabilidade social: revisão integrativa. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 76, supl. 2, e20220567, 2023.

FUNDAÇÃO ABRINQ. **Cenário da Infância e Adolescência 2025**, 2025. Disponível em: https://www.fadc.org.br/noticias/cenario-2025. Acesso em: 28 maio 2025.

FUNDO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A INFÂNCIA (UNICEF). **Brasil diminui pobreza multidimensional na infância e adolescência, mostra estudo do UNICEF**. Brasília: UNICEF, 2025.

GEORGE, P. S. *et al*. Práticas profissionais de saúde diante da linha cuidado à criança. **Revista de Enfermagem UFPE on line**, v. 13, n. 1, p. 247-253, 2019.

GIFE. **Crise climática aumenta vulnerabilidade infantil e risco de exploração sexual no Brasil**. São Paulo: GIFE, 2025.

MIRANDA, M. C.; VILELA, R. A. Atuação da equipe de enfermagem na violência infantil: uma revisão integrativa de literatura. **Revista Fisioterapia e Terapia Ocupacional**, v. 12, n. 3, p. 45- 52, 2020.

MULLER, R. *et al*. Humanização na Unidade de Terapia Intensiva Pediátrica: facilidades e dificuldades da equipe de enfermagem. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 16, e241891016, 2021.

OLIVEIRA, K. R. S. **Humanização e integralidade do cuidado à criança em condição crônica hospitalizada e sua família**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Enfermagem) – Universidade de Brasília, Brasília, 2019.

PRIMO, P. V. *et al*. Humanização do cuidado na enfermagem em crianças em estado terminal: práticas e desafios. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, v. 11, n. 3, p. 1704-1714, 2025.

RESEARCHGATE. **Vulnerabilidade social e saúde mental de crianças e jovens:** relato de dois estudos longitudinais brasileiros. 2022. Disponível em: https://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/cpgdd/article/view/14364. Acesso em: 3 maio 2025

ROSSETO, V. *et al*. Cuidado desenvolvido às crianças com necessidades especiais de saúde nos serviços de atenção domiciliar no Paraná – Brasil. **Escola Anna Nery Revista de Enfermagem**, v. 23, n. 1, e20180067, 2019.

SILVA, A. L.; ALMEIDA, M. F. Enfermagem humanizada: impactos no cuidado ao paciente e sua família. **Studies in Health Sciences**, v. 3, n. 1, p. 45-52, 2022.

SILVA, L. F.; NEVES, E. T. Vulnerabilidade das crianças com necessidades especiais de saúde: implicações para a enfermagem. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, v. 43, e20220123, 2020.

SILVA, L. F. *et al*. Vulnerabilidade das crianças com necessidades especiais de saúde: implicações para a enfermagem. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, v. 43, e20220123, 2022.

SOARES, L. G. *et al*. Experiências adversas na infância entre crianças de alto risco residentes em locais de vulnerabilidade social. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 78, supl. 2, e20240247, 2025.

SOUSA, B. V. N. *et al*. Vulnerabilidade de crianças com necessidades especiais de saúde: implicações para a enfermagem. **Saúde em Debate**, v. 46, n. especial 5, p. 91-103, 2022.

SOUZA, M. T.; SILVA, M. D.; CARVALHO, R. Revisão integrativa: o que é e como fazer. **Einstein (São Paulo)**, v. 8, n. 1, p. 102-106, 2010.

VIEIRA, M. A. M.; LIMA, A. C. S.; SILVA, R. A. A importância da assistência do enfermeiro no crescimento e desenvolvimento infantil na atenção primária. **Revista Fisioterapia e Terapia Ocupacional**, v. 1, n. 1, p. 1-10, 2023.